AB SABIN
Ensinar é criar descobertas

COLÉGIO ALBERT SABIN
Ensinar é criar oportunidades

cultura&informação
A REVISTA DO SABIN

1º trimestre letivo 2019 – ano XXV – nº 72

Olhar de prevenção

Um trágico acontecimento ocorrido há cerca de dois anos finalmente resultou no que, ao menos, é uma boa notícia para escolas em todo o Brasil. Sancionada em outubro de 2018, a Lei Federal nº 13.722 – batizada de Lei Lucas, em homenagem ao menino Lucas Begalli Zamora, de 10 anos, vítima de asfixia por engasgamento numa excursão escolar, em Campinas, em 2017 – entrou em vigor em abril deste ano. A partir de agora, diz a Lei, "torna-se obrigatória a capacitação em noções básicas de primeiros socorros de professores e funcionários de estabelecimentos de ensino públicos e privados de educação básica".

Trata-se de pauta de extrema importância, que já havia, inclusive, inspirado lei de teor semelhante do Governo do Estado de São Paulo, mas que agora passa a valer em todo o território nacional. Como deve ser, assim acreditamos.

Para além da formação de nossos alunos, entendemos que é obrigação da escola adotar todas as medidas necessárias para prevenir riscos e promover um ambiente de proteção à integridade física das crianças e jovens sob nossa guarda. Até por isso, felizmente, inúmeros pontos do que hoje é lei já eram realidade no Sabin e no AB Sabin.

Assim, gostaria de compartilhar alguns exemplos de medidas que tomamos para garantir a segurança de nossos alunos, colaboradores, pais e visitantes.

• Em janeiro, promovemos curso de primeiros socorros para 100% de nosso corpo docente e cerca de um terço da equipe administrativa. Ministrado por bombeiros, com assistência da enfermeira Ana Paula Cravero, responsável por nosso ambulatório, o curso ensinou como proceder em casos de ferimentos leves e graves, convulsões e outras situações de risco e capacitou nossa equipe em técnicas como ressuscitação cardiopulmonar, utilização de desfibrilador externo automático (do qual dispomos), entre outras. Esse curso será anual.

• Também anual é o treinamento de nossa Brigada de Incêndio, certificada periodicamente pelo Corpo de Bombeiros. Composta de cerca de 70 pessoas, entre profissionais da equipe administrativa e das coordenações, nossa Brigada está preparada para atuar em eventos de grande público em lugares fechados (Ginásios, Anfiteatro). Qualquer evento com mais de 250 pessoas tem, obrigatoriamente, a presença de pelo menos 4 brigadistas, com todos os recursos de socorro à sua disposição (extintores, cadeiras de rodas, etc.).

• Desde 2013, dispomos de Plano de Ação Emergencial (PAE), documento que sistematiza um conjunto de normas e regras de procedimento e define tarefas a ser desempenhadas por diferentes pessoas, visando à preservação de um nível de segurança eficaz e à redução das consequências de eventuais acidentes.

• Nas saídas pedagógicas, nossos professores sempre têm à disposição um *kit* de primeiros socorros, e, em caso de saídas com pernoite, sempre há a presença de um profissional do ambulatório.

• Também firmamos contrato de prestação de serviços de telemedicina com o Hospital Albert Einstein, que nos garante a possibilidade de, a qualquer momento, via videoconferência por *tablet*, sermos auxiliados por um profissional do Hospital quanto às primeiras providências a tomar diante de algum acidente.

Ações como essas (e outras) refletem nosso compromisso com a segurança e o bem-estar de todos. Comemoramos, assim, a nova lei, mantendo o mesmo olhar de prevenção que cultivamos desde sempre.

Fernando A. Mello
Diretor administrativo dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin
fernando@albertsabin.com.br

EXPEDIENTE
A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin.
Colégio Albert Sabin. Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br – **Colégio AB Sabin.** Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br – **Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Mônica Mazzo (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer, Mônica Mazzo **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTB 0049431/SP) **Designer:** Giovanna Angerami **Textos:** Alexandre Bandeira, Gerson Sintoni (págs. 15 e 20) **Ilustradora convidada:** Karla Linck (págs. 10 e 11) **Fotografias:** Rodrigo Jacob **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Masson **Produção gráfica:** Ricardo Gomes Moisés **Impressão:** Ciagraph – 5.000 exemplares. **Distribuição gratuita.**
1º trimestre letivo 2019.

Cérebros em desenvolvimento
Revista do Sabin, 1º trimestre letivo 2019 ano XXV – nº 72
Aluno da capa: Luca Facchini Gonçalves, aluno do Pré II do AB Sabin.

4+5
+ Conversa Paralela
Especialista fala como a Neurociência contribui para o trabalho do professor

6+7
+ Educação Infantil
Usadas com discernimento, tecnologias digitais promovem o prazer da descoberta

8+9
+ Ensino Fundamental I
Como o Xadrez trabalha competências e valores para além do jogo

10+11
+ Ensino Fundamental II
Diferenciais oferecidos a partir do 6º ano ajudam o aluno a construir o próprio caminho

12+13
+ Ensino Médio
O novo laboratório de Biologia e o valor da vivência prática da Ciência

14
+ Idiomas
O que está fazendo os alunos lerem mais livros em Inglês

15
+ Esportes
Como o Sabin ressalta o valor pedagógico da competição esportiva

16+17
+ DataSabin
O Sabin em números

18+19
+ Livre Expressão
O que significa oferecer universidade para todos?

20
+ Encantamento
Como a Biblioteca Social Colaborativa continua dando frutos e transformando vidas

Carla Tieppo, especialista em Neurociência Aplicada à Educação

Como os cérebros aprendem

"A MAIOR DESCOBERTA DA NEUROCIÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO É A DE QUE NÃO SOMOS TODOS IGUAIS". ASSIM COMEÇA A ENTREVISTA COM A DOUTORA EM NEUROCIÊNCIA CARLA TIEPPO, PROFESSORA E PESQUISADORA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA SANTA CASA DE SÃO PAULO, ONDE COORDENA A PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROCIÊNCIA APLICADA À EDUCAÇÃO. A FRASE PARECE ÓBVIA, MAS O CONTEXTO JUSTIFICA SUA REAFIRMAÇÃO. SEGUNDO CARLA, ATÉ RECENTEMENTE, EDUCADORES BASEAVAM-SE NAS CIÊNCIAS HUMANAS – PEDAGOGIA, PSICOLOGIA, SOCIOLOGIA, ANTROPOLOGIA, ETC. –, "NO ESTUDO DO HOMEM A PARTIR DA PERSPECTIVA DE SUA SUBJETIVIDADE". DESDE OS ANOS 1980, PORÉM, AVANÇOS TECNOLÓGICOS VIABILIZARAM NOVOS CONHECIMENTOS OBJETIVOS SOBRE O FUNCIONAMENTO CEREBRAL, COM IMPLICAÇÕES NA ÁREA ESCOLAR. O QUE CARLA APONTA É QUE, PARA SURPRESA DE QUEM JULGAVA REDUCIONISTA PENSAR A EDUCAÇÃO PELA ÓTICA DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, O EFEITO FOI O CONTRÁRIO. NENHUM CÉREBRO É IGUAL A OUTRO. CADA ESTUDANTE TEM SEU RITMO, SUAS HABILIDADES E HÁBITOS PREFERENCIAIS, DETERMINADOS, TAMBÉM, PELA FISIOLOGIA. A SEGUIR, CARLA EXPLICA COMO A NEUROCIÊNCIA CONTRIBUI PARA O MELHOR ENTENDIMENTO – E MELHOR CONDUÇÃO – DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.

Que exemplos de descobertas recentes da Neurociência influenciam o trabalho do educador?
Eu chamaria atenção para duas descobertas que podem ser exploradas de forma muito positiva. A primeira é a formação das redes hierárquicas dentro do cérebro, especialmente do córtex cerebral, que é onde criamos significados, símbolos, onde vamos generalizando ou discriminando as coisas. O córtex é fundamental para todas as funções mais complexas que o homem executa: a linguagem, a arte, a engenharia, as ciências. Essas diferentes estruturas se formam a partir de conhecimentos anteriores de menor complexidade, e o estudo da hierarquia, da integração desses conhecimentos, leva à compreensão de como um indivíduo aprende. Um segundo aspecto relevante é a compreensão de como as memórias procedurais – memórias implícitas, aquilo que eu nem sei que sei, mas automaticamente executo, como andar de bicicleta – também influenciam a formação do raciocínio matemático e a compreensão de um texto.

Qual a importância do hábito, de se ter uma rotina regular de estudos, com hora e local certos?
O hábito é o resultado de um comportamento construído a partir de uma intenção específica, que foi atingida. Isso é o hábito: eu tinha uma intenção, executei um comportamento, atingi meu objetivo e, a partir daí, fiz sempre da mesma forma, porque os circuitos já estão sensibilizados, pré-ativados. Vamos dizer que uma criança tem o hábito de estudar às quatro horas da tarde. Ela chega em casa, almoça, brinca um pouco, descansa… Às quatro, ela desperta, alerta para estudar. Todo o sistema de atenção dela está preparado para aquele momento. Uma das coisas mais maravilhosas que o cérebro tem é que, quando pode prever o que vai acontecer, ele se prepara. Quando temos hábitos que respeitam horário e local, é muito mais fácil realizar um comportamento. Agora, o jeito de você fazer isso não é através de um conjunto de regras, mas pela percepção dos resultados. A criança precisa perceber que, quando tem um hábito de estudo, ela não precisa estudar muito, antes da avaliação. Ela pode gastar as mesmas horas de estudo e ter um resultado melhor se fizer isso de forma sistemática e sequencial. Em vez de impor regras, é importante trabalhar com os benefícios.

O quanto da rotina de estudos pode ser definido pelas preferências pessoais do estudante?
Todos nós temos ritmos atencionais próprios. Alguns de nós são matutinos, outros são vespertinos. Isso está comprovado cientificamente. Nós produzimos determinadas proteínas que favorecem um determinado nível de atenção num horário ou em outro. As pessoas que acordam bem-dispostas terão uma sonolência maior depois do almoço ou no fim da tarde. Já aquelas que acordam modorrentas, mais para o fim da tarde, devem ficar mais ativas. A grande questão é: escola sempre tem o mesmo horário, então nem sempre você pode respeitar isso. De qualquer forma, vale a pena ouvir esses posicionamentos de preferência, porque ir ao encontro das preferências é sempre mais favorável do que brigar com elas.

Há estudantes que preferem estudar ouvindo música ou vendo TV. Dá para estudar assim?
Sempre tem a questão que pode não ser só preferência, mas o fato de o jovem não querer ficar atento, querer fazer a lição de qualquer forma. Aí, para passar o tempo mais rápido, ele se distrai com a música ou a televisão. Mas também existe aquele indivíduo para quem a música aumenta a capacidade de foco. Então, tem de ver a qualidade do estudo. Se a qualidade do estudo com música for boa, deixe ouvir música. Se não for boa, precisa rever a forma como se estuda.

Mais da metade dos nossos alunos cita a produção de resumos e resenhas como sua técnica de estudos mais utilizada (*v. págs. 16 e 17*). É uma técnica eficaz?
Na verdade, a produção textual é muito boa. É o aluno se apropriar de um conteúdo e produzir um texto sobre ele. Só que o resumo passa, muitas vezes, pelo processo de cópia, então tem de tomar um pouco de cuidado. Mas de novo: a melhor técnica de estudo é sempre aquela com a qual o indivíduo se dá melhor. Se ele gosta de fazer um *mindmap*, um fluxograma, *slides* com imagens, então essa é a forma. O importante é cada um descobrir qual é a sua. Em geral, a leitura pura e simples não é adequada, porque, se o indivíduo não produz nada, ele não constrói conhecimento. Seja uma produção gráfica, seja uma produção de texto, seja até mesmo uma exposição oral – fazer um vídeo, contar para alguém –, se você produz algo, você tem um estudo de alto rendimento.

Nesta edição, temos uma matéria que fala sobre os benefícios do Xadrez para o desenvolvimento do cérebro (*págs. 6 e 7*). Que outros jogos a sra. citaria como benéficos?
Todo jogo de estratégia, que requer atenção e flexibilidade cognitiva, é bom. *War* é bom. *Batalha naval* é bom, jogos de cartas, de tabuleiro. Tudo isso é favorável. Mas o mais importante é a variabilidade: fazer atividades diferentes umas das outras. A repetição é ruim. No Xadrez, é possível repetir, porque vai aumentando o nível de complexidade, mas nos outros jogos, não. Nesse caso, a repetição seria apenas uma perda de tempo, em termos de estímulo cerebral.

Ferramentas de descoberta

Inseridas com cuidado e critério na escola, as tecnologias digitais têm muito a ensinar – e a encantar – os alunos.

Presente em quase todo o País, o murucututu é "uma das maiores corujas do Brasil, come insetos e roedores e usa o ninho abandonado por outras aves para chocar seus ovos". Assim está escrito no *Abecedário de Aves Brasileiras,* livro que o AB Sabin usa para apresentar o alfabeto às turmas do Pré II. Para um aluno da professora Daniela Machado, porém, o verbete não era suficiente. "O murucututu é bom ou mau? Que som ele faz?", perguntou a criança.

Daniela não sabia, mas tinha como saber. "Não sei. Vamos descobrir juntos?", propôs, convocando a classe para uma pesquisa pela internet. A proposta da professora e a naturalidade com que foi recebida pelos alunos – nativos do mundo digital, alguns dos quais aprenderam a dizer "põe no Google" antes mesmo de saber ler e escrever – ilustram bem a forma como Sabin e AB Sabin utilizam as tecnologias da informação na Educação Infantil: como mais um recurso didático, complementar aos livros e materiais escolares; como fonte de conhecimento à qual recorrer quando surgirem questionamentos; e, sobretudo, como fonte de encantamento. Mas encantamento, ressalta Daniela, não pela tecnologia em si, mas sim pela descoberta, pelo prazer de aprender coisas novas.

"O professor não é mais o centralizador do saber, é mediador, e as tecnologias são mais uma ferramenta que ele tem para ensinar", diz a professora, que tem pós-graduação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em Educação Moderna e hoje cursa pós-graduação em Neurociência Aplicada à Educação na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. "Um caso como esse, em que a criança sentiu uma vontade pessoal de aprender e sabia que, por meio da tecnologia, teria a resposta, demonstra um grande aprendizado", diz Daniela.

Com um celular comum, ela argumenta, alunos e professores podem sair pelo Colégio pesquisando diversas coisas de seu interesse, como as características de um inseto encontrado no bosque ou uma receita de chá feito com uma plantinha da horta. E isso para ficar apenas na consulta à internet, que não é a única aplicação possível de recursos como celulares e *tablets* na escola, dada a infinidade de aplicativos educativos criados para diversas idades.

Apesar dos ganhos pedagógicos, porém, o uso de tecnologias digitais na escola – especialmente na Educação Infantil – não se dá sem critérios e cuidados. Doutora em Neurociência e coordenadora da pós-graduação que Daniela está cursando na Santa Casa, a pesquisadora Carla Tieppo conhece os benefícios – e os riscos – que as tecnologias digitais representam para o desenvolvimento cognitivo, físico e emocional da criança. Para ela, é inegável que desenhos, vídeos e jogos *podem ser benéficos* – "afinal, estamos falando de outras formas de estímulo, e a coisa mais importante para o cérebro é ter estímulos". O problema, diz Carla, é o contato excessivo com o meio digital *em detrimento do contato com o mundo real.*

Na aula de Inglês do Pré I do AB Sabin (à esq.), livro e TV se complementam; acima, aluna e professora usam a internet para pesquisar sobre as flores do AB; à dir., aluno do Sabin resolve o desafio de um jogo educativo no *tablet*.

A pesquisadora justifica assim a recomendação da maioria dos pediatras, de limitar o tempo de exposição da criança às telas (de TVs, *tablets*, celulares, etc.): "Especialmente nos dois primeiros anos de vida, esse tempo de tela subtrai o tempo dos estímulos de alta qualidade, que efetivamente moldam o cérebro da criança para o mundo concreto, que tem profundidade, textura, volume". Além disso, acrescenta, "tudo no ambiente digital é controlado, [a criança] tem tudo na ponta do dedo. E na vida real as coisas não são assim: a gente não consegue dar *pause* nas pessoas, fazer voltar o que alguém falou. [Isso gera] prejuízos importantes em relação à atenção alternada" (capacidade de alternar o foco entre mais de um estímulo ou tarefa).

Se é difícil, porém, para pais e mães controlar o tempo dos filhos em frente a uma tela em casa, Carla crê que os educadores têm total condição de fazê-lo. "A escola pode proporcionar estímulos variados e sistematizar uma interação de qualidade entre o real e o virtual", diz ela. "Inclusive, se é para alguém fazer essa aproximação da criança com o ambiente virtual, que seja a escola".

Segundo Dionéia Menin, coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Fundamental I do Sabin, o uso da tecnologia "não é nem carro-chefe nem obrigatório" no projeto do Colégio. O objetivo, diz a coordenadora, tem de ser o mesmo de qualquer outro recurso didático: a exploração e o aprendizado decorrente de seu uso. "Se uma criança pequena explora o movimento da mão para desenhar um 8 na areia ou na tela de um *tablet*, ela está explorando e aprendendo".

Para o assessor de Tecnologias Educacionais do Sabin e do AB Sabin, Paulo Fontes, *games* e aplicativos usados pelas professoras têm muito a ensinar – sobre o formato dos números e letras, sobre cores, sobre higiene bucal, etc. –, e é natural que a tecnologia seja atrativa para as crianças, "por aproximar a escola do mundo doméstico, onde elas têm a TV, o *tablet* e o *smartphone* dos pais". Mas, até pelas crianças já terem essas ferramentas em casa, diz o assessor, a escola deve utilizá-las com parcimônia e discernimento, dando preferência aos brinquedos físicos, às atividades manuais e táteis e, principalmente, às brincadeiras coletivas ao ar livre. "O brincar ao ar livre é essencial na escola; é o último lugar onde isso ainda é preservado", diz Paulo.

Garantido esse equilíbrio entre os mundos real e virtual (com predomínio do primeiro), Paulo lembra que a presença dos eletrônicos na escola atende a um objetivo expressamente previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que coloca, entre as competências gerais desenvolvidas pela Educação Básica, "compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação […] para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva". Em outras palavras, diz o assessor, é preciso "que a criança cresça com a noção de que as tecnologias são ferramentas de descoberta, de aquisição de informação, de aprendizado". Uma maneira de saciar a curiosidade natural que cada indivíduo traz desde pequeno – seja sobre um inseto encontrado no bosque, seja sobre uma plantinha da horta, seja sobre o canto de uma majestosa e fascinante coruja.

Jogo da vida

Como disciplina, modalidade eletiva ou esporte competitivo, as lições do Xadrez ultrapassam os limites do tabuleiro.

"Dama, *b3*!", exclama uma aluna do professor Antonio Carlos de Resende, em resposta ao desafio projetado na lousa da sala de Xadrez do Albert Sabin. A imagem mostra um tabuleiro de Xadrez com algumas peças brancas e pretas dispostas numa posição que, segundo Resende, permitiria às brancas dar um xeque-mate no Rei preto em um lance apenas. Qual seria esse lance? "Torre, *a6*!", arrisca outro aluno. A aula do 3º ano F do Fundamental está só começando.

Os alunos têm de 7 a 8 anos de idade e, em sua maioria, conhecem as regras do Xadrez há pouco mais de um ano, mas já falam com desenvoltura sobre possíveis lances, utilizando a notação algébrica para identificar as casas do tabuleiro para onde mover as peças. O professor vai ouvindo a turma e testando os lances propostos. O xeque-mate da aluna com a Dama na casa *b3* é evidente para todos, e Resende a parabeniza. Já o aluno que propôs levar a Torre à casa *a6* não tem a mesma sorte. "E aí, classe, daria certo?", pergunta o professor. Os alunos percebem o furo na estratégia do colega: o próprio Rei preto capturaria a Torre atacante. "Mas você tentou, valeu sua participação", diz Resende. Tentar e errar não é problema no Xadrez, afinal; é aprendizado. Apenas um dos diversos aprendizados proporcionados por um jogo cujos benefícios para o desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças e jovens ultrapassam, e muito, os limites do tabuleiro.

Presente no Colégio desde a fundação, o Xadrez está inserido na proposta pedagógica do Sabin em três circunstâncias: como parte da matriz curricular obrigatória do Fundamental I (2º a 5º ano), com uma aula por semana; como atividade oferecida pelo Programa Sabin+Esportes&Cultura a alunos de 2º ano do Fundamental até o Ensino Médio, também com uma aula por semana; e, para aqueles com aptidão, como esporte de treinamento. O Sabin tem duas equipes oficiais de enxadristas – uma com alunos de 3º e 4º anos, outra com alunos do 5º ano em diante –, que treinam periodicamente para se preparar para torneios externos. Professor e técnico de Xadrez escolar há décadas, Mestre Internacional de Xadrez (título oficial da Federação Internacional de Xadrez), Resende é o responsável por ensinar e treinar todos esses alunos.

Segundo ele, as aulas da disciplina regular são planejadas em dois blocos: um de iniciação, para 2º e 3º anos, no qual os alunos são apresentados às peças, aos seus movimentos e às regras, e solucionam desafios básicos de raciocínio lógico; e uma segunda fase, para 4º e 5º anos, em que já exploram táticas de abertura, de defesa, de xeque, e estratégias mais complexas, que exigem a previsão de um maior número de lances. Além, é claro, da prática constante, o momento em que os alunos se emparceiram para jogar uns com os outros, numa algaravia que pode surpreender um visitante, mas que tem explicação pedagógica: "Ao contrário de um torneio, é um crime dizer 'Façam silêncio!' numa aula de Xadrez", diz Resende. "Conversando, eles se autocorrigem, consolidam estratégias, aprimoram sua compreensão de jogo e melhoram como jogadores".

Já os treinos das equipes oficiais, diz o professor, têm como mote a performance competitiva – aprendizado e aperfeiçoamento de estratégias, preparo emocional, etc. –, ao passo que as aulas do Sabin+Esportes&Cultura podem ter um caráter mais lúdico.

São oportunidades para os alunos treinarem, sim, mas também, e principalmente, para se divertirem – inclusive porque, diz Resende, "o Xadrez tem diversos jogos dentro do jogo". Ele se refere a variações possíveis que costumam encantar os alunos, como o Xadrez Australiano (jogado em duplas, com dois tabuleiros; uma peça capturada por um jogador é adicionada ao exército do parceiro no tabuleiro ao lado), o Xadrez Objetivo (em vez de capturar o rei, os jogadores sorteiam cartelas com missões específicas, como "capturar um bispo e dois cavalos") ou o Xadrez Quem-Perde-Ganha (os jogadores são obrigados a capturar as peças vulneráveis um do outro; ganha quem perder as peças primeiro).

Seja nas aulas, seja nos treinos, seja no Sabin+Esportes&Cultura, a constante é que o Xadrez tem muito a ensinar a quem o pratica, com reflexos comprovados não só no rendimento de jogo como no desempenho escolar, na qualidade das competências emocionais e nas interações sociais dos alunos. "O Xadrez na sala de aula trabalha competências e valores que servem para além do jogo", diz Dionéia Menin, coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Fundamental I, que cita exemplos: "Tomar decisões, lidar com as consequências, superar o revés de uma decisão ruim e buscar formas de se recuperar".

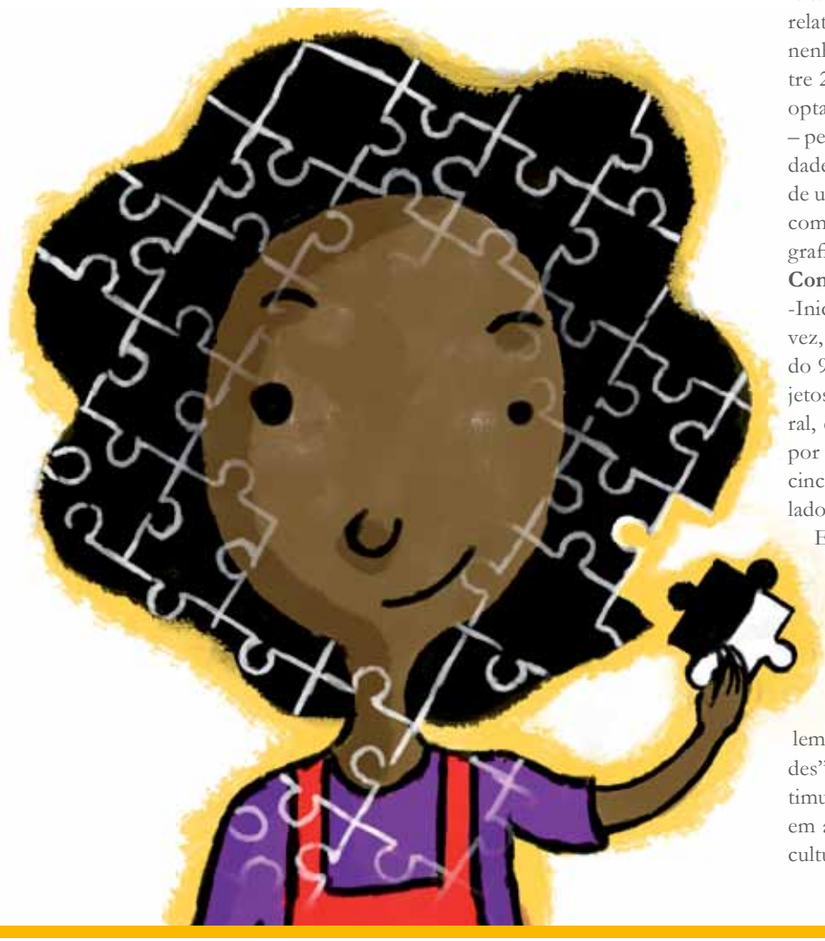
Há bases estatísticas para as afirmações da coordenadora. Em artigo de julho de 2018, no qual faz uma revisão da literatura científica sobre o assunto, o vice-presidente da Fundação de Xadrez de Chicago, Jerry Neugarten, enumera alguns dos benefícios do Xadrez escolar para a educação de crianças e jovens americanos. Entre eles, Neugarten nota melhorias comprovadas na pontuação em provas de Matemática, em provas de leitura, na frequência escolar, no respeito dos alunos pelos colegas, na autoconfiança, na gestão do humor, na tolerância à frustração, no pensamento crítico, na criatividade e na capacidade de resolução de problemas.

Sobre este último item, o americano nota que o Xadrez estimula um "padrão ou sistema de pensamento", que é o de nunca se contentar com a primeira ideia, mas sempre "procurar mais e diferentes alternativas" para um problema – um exercício valiosíssimo e que, dada a complexidade do jogo, jamais será repetitivo. Após alguns lances em qualquer partida normal de Xadrez, argumenta Neugarten, "os contextos são familiares, os temas se repetem, mas as posições de jogo nunca o fazem. Isso faz do Xadrez um bom combustível para a usina de resolução de problemas".

A tudo isso Resende acrescenta, ainda, a forma como o Xadrez exercita a capacidade dos alunos de manter a calma sob pressão. E, não menos importante, o espírito esportivo. "Eles sabem que precisam dar o melhor de si em cada jogo", diz o professor, "mas também que, ganhando ou perdendo, sempre devem respeitar o parceiro".

Diferenciais eletivos

Como a escola vai deixando de dizer ao aluno aonde ir, para ajudá-lo na construção do próprio caminho.



No início do ano, 12 alunos do 9º ano do Fundamental do Sabin tomaram a mesma decisão: tentar uma vaga em uma feira de ciências, que, caso selecionados, exigiria deles enorme dedicação, meses de leitura, experimentação e produção de relatórios, sem que isso representasse nenhum ponto a mais no boletim. Entre 20 de fevereiro e 23 de março, eles optaram por se inscrever, *voluntariamente* – pelo prazer do desafio, pela oportunidade de aprender e exercitar os passos de uma pesquisa acadêmica de verdade, com objeto de estudo, hipótese, bibliografia e tudo mais –, na 4ª edição do **ConsCiência Sabin,** Prêmio de Pré-Iniciação Científica que, pela primeira vez, foi aberto para projetos de alunos do 9º ano. E conseguiram: dos 25 projetos classificados para a Mostra Cultural, em outubro, três serão defendidos por esses 12 alunos (em dois grupos de cinco e uma dupla), que estarão lado a lado com seus colegas mais velhos, do Ensino Médio.

A participação do 9º ano na competição deste ano é novidade, mas a adesão dos alunos do Sabin a projetos eletivos está longe de ser incomum. Pelo contrário: num colégio que tem como lema que "ensinar é criar oportunidades", a própria cultura institucional estimula o envolvimento dos estudantes em atividades acadêmicas, esportivas e culturais, oferecidas como complementos opcionais à formação de cada aluno – especialmente a partir do 6º ano, quando o número de opções aumenta muito. E há uma razão para isso.

Segundo o coordenador pedagógico Laércio Carrer, a razão está em atender a um dos maiores objetivos do Ensino Fundamental II: a autonomia do estudante. "O Sabin tem como eixo promover encantamento em todas as etapas da vida escolar; no Fundamental II, esse encantamento vem principalmente da conquista da autonomia", diz o coordenador. Este é o sentido da etapa, diz Laércio: "preparar o aluno para conquistar o seu espaço de protagonismo, de corresponsabilidade sobre sua vida; a escola passa a ser menos a instituição que diz ao aluno o que fazer e aonde ir e mais a que o auxilia a tomar essas decisões por conta própria".

Na prática, isso se reflete no leque ampliado de modalidades do Programa Sabin+Esportes&Cultura – é no 6º ano que começam as aulas de Basquete, Futsal, Handebol, Vôlei, Teatro e Programação e Robótica; no 8º ano, as de Dança e Oficina de Arte; no 9º ano, as do Projeto Voluntário –, bem como nas oportunidades acadêmicas extracurriculares, à disposição dos estudantes.

No Fundamental II, o aluno do Sabin pode, se quiser, participar dos Módulos Preparatórios para Olimpíadas de Matemática (a partir do 6º ano), de Química (8º ano) ou de Física (9º ano). Também pode aprimorar tecnicamente suas redações, com base nas leituras, discussões e exercícios da Oficina de Produção de Texto (que, embora prioritariamente voltada para alunos com dificuldade nesse campo, *também pode ser feita por quem já escreve bem e queira praticar mais)*. Já no Ensino Médio, pode participar dos Módulos de Aprofundamento na 1ª e 2ª séries; assistir a quantas Aulas-Tema quiser (palestras semanais sobre assuntos da atualidade, com professores do Colégio ou especialistas convidados); e, finalmente, montar uma grade de até 32 disciplinas eletivas extras em seu último ano escolar.

Trata-se, enfim, de todo um percurso acadêmico construído cada vez mais pelas decisões do próprio aluno, de acordo com seus interesses pessoais, com o que ele se percebe querendo para si. E é justamente no Fundamental II que o que se quer para si costuma ficar mais claro.

"Esse processo é gradual, mas começa por volta do 6º ano", diz a orientadora educacional Elaine Ramos. Segundo ela, como regra geral, os alunos entram no Fundamental II ainda esperando uma posição mais "maternal" dos professores – tanto no sentido de definir por eles o que fazer como no de aliviar as cobranças por deveres não cumpridos.

"No dia a dia, muitos chegam a nós com medo de crescer, não se sentem preparados para assumir responsabilidades", diz Elaine, que, nesses momentos, busca acolhê-los e tranquilizá-los. "O aluno não anotou na agenda e esqueceu de fazer a lição? Tudo bem, vamos pensar juntos como resolver – mas vamos também reconhecer o erro. Não tem mais isso de 'minha mãe não me lembrou', porque não é dever dela". Não usar a agenda, a orientadora lembra ao aluno, também é uma escolha *do aluno*.

E fazer escolhas é o ponto crítico no desenvolvimento da autonomia. Como explica Elaine, se até então mãe e pai tinham voz dominante sobre a vida escolar do filho, gradualmente a vontade do jovem – e do seu grupo de amigos – ganha peso. "É o processo de desenvolvimento emocional e cognitivo natural da pré-adolescência, é quando a maior parte das mudanças hormonais estão acontecendo". Nesse momento, diz a orientadora, é preciso delicadeza para lidar com possíveis dilemas, como o medo dos filhos de não corresponder às expectativas dos pais, por exemplo.

"É um processo educativo para pais e filhos, na verdade", diz Laércio. "Se uma família chega para nós e diz: 'Eu queria colocar meu filho na natação', nós temos de perguntar: 'Certo, mas e ele? O que ele gostaria de fazer?'. Da mesma forma são todos os outros diferenciais à disposição do aluno do Sabin a partir do Fundamental II. Um professor que vê no aluno uma aptidão para a Matemática pode *convidá-lo* para o Módulo Preparatório da Olimpíada, jamais forçá-lo". No fim das contas, são as decisões do estudante – disputar ou não uma olimpíada acadêmica, treinar ou não técnicas de escrita, assistir ou não a uma palestra, participar ou não de uma feira de ciências – que constroem o indivíduo que ele será no futuro.

Turma da 2ª série do Ensino Médio investiga colônias de fungos e bactérias colhidos em diversos pontos do Colégio, no novo laboratório de Biologia.

Espaço renovado de saber

O novo laboratório de Biologia do Sabin reafirma o valor que o Colégio sempre deu à vivência prática da Ciência.

Entre a maçaneta da porta da enfermaria do Sabin, o corrimão da escada do Ensino Médio, um vaso sanitário do banheiro masculino e a tela do celular de um dos alunos, onde você apostaria que há mais bactérias? Era o que a turma da 2ª série E tinha de descobrir em uma das primeiras aulas do ano da professora Adriana Baroli, no novo laboratório de Biologia do Sabin.

Divididos nas bancadas do laboratório, os alunos trocavam entre si placas de Petri nas quais culturas de micro-organismos – colhidos em diferentes pontos do Colégio e deixados para proliferar em uma solução gelatinosa durante uma semana – podiam ser vistas a olho nu. Caminhando por entre as bancadas, Adriana pedia que classificassem os halos formados em cada uma das placas – manchas coloridas resultantes de bilhões de organismos aglomerados – por quantidade, tamanho e cor. "Se parecer uma gota de esmalte, brilhante, vermelha ou alaranjada, é uma colônia de bactérias; se for mais aveludada e fosca, branca, preta ou esverdeada, é uma colônia de fungos", instruía a professora. "Deu para perceber a diferença?"

Era fácil perceber – e inegável que a placa correspondente ao celular de um aluno trazia a colônia mais pujante de bactérias (já o recorde de fungos ficara com o tronco de uma árvore). Mas a higiene do aluno não estava em questão. "Além das mãos, o celular está próximo da nossa boca o tempo inteiro", dizia Adriana. "Estão vendo por que é bom passar um álcool na tela todo dia?". Às vezes, é realmente preciso ver para crer.

"É imensurável o valor do laboratório para a aprendizagem da Ciência: o aluno comprovar, na prática, questões teóricas aprendidas em sala de aula", diz Adriana, citando apenas um dos benefícios pedagógicos de um bom laboratório escolar. Trata-se, afinal, de espaço dedicado inteiramente à prática científica – um lugar para o aluno exercitar a elaboração de testes controlados, verificação de hipóteses e registro criterioso, tornar-se proficiente no método e até, quem sabe, descobrir um talento adormecido. "O laboratório pode revelar um potencial que o aluno talvez nem descobrisse se vivesse a Ciência apenas por meio dos livros".

No entanto, se o antigo laboratório de Biologia (que ficava dentro do Prédio Van Gogh, no corredor do Ensino Médio, junto às salas de aula) já propiciava tais benefícios, o novo espaço, inaugurado no início do ano do lado de fora do Prédio, em cima das salas da Coordenação, trouxe algumas vantagens a mais para o ensino da disciplina. Como logo ficou evidente – e os elogios ouvidos de alunos pela professora Adriana confirmaram –, o novo laboratório de Biologia do Sabin é maior *e melhor* do que o anterior.

"Há muito tempo vínhamos querendo mudar o laboratório", diz o assessor de Biologia do Sabin, Aymar Macedo; "com a reforma da Coordenação, no ano passado, surgiu a oportunidade". Segundo Aymar, a disposição das bancadas de trabalho do antigo laboratório era um dos primeiros motivos de queixa, por atrapalhar a circulação de pessoas. Antes conectadas de duas em duas por balcão e pia, agora quatro bancadas independentes se distribuem numa sala mais ampla (as pias foram posicionadas em uma parede), facilitando o acesso da professora Adriana e do técnico Paulo Landim aos alunos.

O maior ganho do novo laboratório, porém, está no que Aymar chama de "maior interação com o meio", para projetos sobre Botânica e Ecologia. Se, antes, a professora Adriana e os alunos precisavam sair do Sabin e ir até o bosque em frente para plantar e observar algumas espécies vegetais, o novo laboratório tem uma estufa anexa – para plantas que precisam de condições ambientais específicas (como iluminação e temperatura controladas) –, além de estar ao lado do jardim do antigo chafariz do Colégio, transformado em canteiro, onde serão cultivadas plantas terrestres, plantas aquáticas e animais invertebrados, como abelhas jataí (espécie sem ferrão), bichos-pau e tatuzinhos, entre outros (o canteiro também contará com uma composteira).

"É muito importante reaproximar os jovens da realidade da natureza, principalmente em relação às plantas", diz Adriana Baroli. "Desde pequenos, nós somos instruídos a não matar bichinhos, mas muita gente ainda arranca uma flor sem culpa; não tem noção de que plantas são seres vivos, têm DNA, têm metabolismo". E, se não bastasse toda a *vida* vegetal ao seu redor, os alunos ainda convivem com um ecossistema inteiro ao seu lado: um grande aquário de água salgada, com peixes, moluscos, corais e outros seres marinhos.

Segundo Aymar Macedo, plantas, animais e equipamentos à disposição dos alunos no novo espaço "não deixam a desejar se comparados ao que é oferecido numa boa universidade; dá para desenvolver pesquisas acadêmicas sérias aqui". Para o assessor, a qualidade da infraestrutura reflete o valor que o Sabin sempre deu às aulas de laboratório (de Biologia, de Física e de Química), que, desde a fundação do Colégio, são pensadas quase como uma disciplina em si, complementar à teoria, com grade horária, professores e avaliações próprios. "Sempre valorizamos a vivência laboratorial para a formação de nossos alunos", diz Aymar. "No futuro, o trânsito deles pelos laboratórios das universidades em que estudarem será bem mais confortável e produtivo".

Levando o Inglês para casa

Acervo ampliado e novos estímulos aumentam o interesse dos alunos por livros estrangeiros.

As travessuras do menino David, as brincadeiras dos irmãos Charlie e Lola e os passeios da ratinha Maisy nunca foram tão populares entre os alunos da Educação Infantil e do Fundamental I. Pelo menos, é o que parece indicar o número de empréstimos de livros em Inglês da Biblioteca do Sabin, que, em relação a anos anteriores, tem crescido enormemente entre alunos dessa faixa etária.

Apenas no primeiro mês letivo do ano, 530 obras de literatura infantil ou infantojuvenil em língua inglesa já haviam sido emprestadas a alunos do Colégio – quase três vezes o total dos primeiros três meses de 2018 (186 empréstimos). E, entre essas obras, lá estavam autores favoritos da criançada, como David Shannon (*David Goes to School*; *No, David!*), Lauren Child (coleção *Charlie and Lola*) e Lucy Cousins (coleção *Maisy* – a Ninoca, na versão em Português). Mas as professoras têm parte da responsabilidade por esse renovado interesse dos alunos pelos livros estrangeiros.

Segundo Denise Araújo, coordenadora do Departamento de Inglês do Sabin, há anos existe no Colégio um projeto de incentivo à leitura voltado para turmas do Maternal ao 5º ano, que prevê visitas semanais à Biblioteca, nas quais os alunos ficam livres para consultar prateleiras, folhear livros e, se assim quiserem, levar qualquer um para casa. Sem fichamentos, sem provas, sem cobranças posteriores. Até 2017, porém, quase todos os livros escolhidos pelos alunos eram títulos brasileiros ou traduções em português. Até que a equipe de Inglês resolveu agir.

"Em 2018, começamos a abrir os olhos dos alunos para o nosso acervo", diz Denise. "A cada mês, uma das visitas semanais era focada nas obras em Inglês; as professoras foram orientadas a apresentá-las às turmas, fazer propaganda". Sempre que um livro era lido em sala de aula, diz a coordenadora, aproveitava-se a oportunidade para divulgar a Biblioteca: "Gostaram desse autor? Tem mais livros dele lá". O mural ao lado da porta da Biblioteca foi transformado num *English Corner*, com dicas e pequenas resenhas de obras que poderiam interessar aos alunos. E o planejamento pedagógico do Fundamental I passará a adotar, em 2019, duas leituras compartilhadas de livros em Inglês por ano (até 2018, era um título apenas).

Além disso, novos investimentos fizeram o acervo quase quintuplicar: de 254 exemplares que havia no fim de 2017 (abrangendo 164 títulos), subiu a 1.214 exemplares (560 títulos) no início deste ano.

Segundo a assessora de Inglês, Renata Cunha, os resultados se notam no dia a dia. "Os alunos têm trazido mais coisas novas para as aulas, coisas que leram em livros e querem compartilhar com a classe", diz ela. E, se havia receio de que alguns pais se sentissem constrangidos com os filhos levando mais livros em Inglês para casa ("a leitura em casa, principalmente dos mais novos, costuma ser feita com os pais, e alguns podiam não saber o idioma"), a equipe logo viu que não precisava se preocupar. "Mesmo o 'brincar de ler', qualquer aproximação com as palavras em Inglês – os nomes das cores, das formas, dos bichos –, já é um estímulo importante", diz Renata.

O que a competição ensina

Como o Sabin ressalta o valor pedagógico da prática de esportes competitivos.

"Ensinar bem, ensinar a todos, ensinar mais que o esporte". Paulo Rogério Vieira, coordenador do Sabin+Esportes&Cultura, gosta de repetir a frase. Em sua opinião, ela reflete a abordagem do Sabin na promoção da prática esportiva. O "ensinar bem" é autoexplicativo. "'Ensinar a todos' desconstrói a ideia de que o esporte é só para quem é 'bom'", diz Paulo. "Já o 'mais que o esporte' diz respeito a valores universais que são exercitados nas quadras, nos campos e nas piscinas: empenho, cooperação, superação de limites". Valores que o professor quer ver demonstrados todos os dias, nas aulas de Educação Física, bem como nos treinos dos alunos que praticam esportes competitivamente pelo Colégio. Sobretudo nestes.

No Sabin, o contato mais intenso do aluno com o esporte ocorre a partir do 6º ano, quando ele pode optar por praticar até três modalidades, duas coletivas e uma individual; até o 5º ano, ele tem à disposição apenas uma modalidade individual e uma única opção coletiva, a Iniciação Esportiva. É no 6º ano também que aqueles que mostram aptidão têm chance de integrar as equipes de treinamento do Colégio e receber um preparo voltado à competição. "Por volta dos 11 anos, eles já estão mais preparados, física e emocionalmente, para uma especialização. Portanto, podem ser cobrados por desempenho", diz Paulo (há exceções, como o Xadrez, as Ginásticas e a Natação, pelos quais o aluno compete mais cedo, segundo Paulo, por questões biológicas e culturais).

A preparação das equipes de treinamento não difere muito de uma aula convencional. A diferença fica por conta da intensidade e do foco em táticas e estratégias, para a melhoria do desempenho dos atletas. "Erramos muitos saques no último jogo de vôlei? Então, vamos treinar esse saque", exemplifica o coordenador.

Mas ele faz questão de enfatizar dois pontos essenciais na proposta do Colégio: o primeiro é o cuidado em preservar o equilíbrio entre as demandas esportiva e pedagógica. E, no caso de ruído entre ambas – caso os treinos comprometam os estudos, por exemplo –, dar sempre prioridade à última. O segundo ponto é a preocupação em mostrar aos jovens atletas que a vitória não é um fim em si mesma, que a competição é um processo de aprendizagem e que as derrotas fazem parte do jogo.

"As pessoas, quando experimentam uma derrota, ficam tristes, para baixo. Eu não. Não gosto de desistir. Quando 'dá ruim', aí é que vou atrás", garante Arthur Ortega, aluno da 3ª série do Médio, que joga nas equipes de Basquete e de Vôlei. Ele se lembra de uma derrota do time de Basquete numa final de campeonato. Alguns companheiros, abalados, começaram a chorar. "E aí, a gente vai chorar? Não! Vamos ganhar no ano que vem! Peguei a minha medalha de prata com orgulho", relembra o jovem.

Trabalhar em equipe, ser resiliente e respeitar o adversário também faz parte da cartilha de Fábio Grell, aluno do 7º ano que sempre teve aptidão para o esporte. Ele já se dedicou ao Xadrez e ao Futsal e hoje integra os times de Handebol e Natação do Sabin. É acostumado a desafios. E, quando perguntado sobre a vitória da qual mais se orgulha, ele, curiosamente, opta por um empate: "Uma vez, um Grande Mestre de Xadrez [Evandro Amorim Barbosa] veio jogar aqui no Sabin. Ele desafiou simultaneamente vários alunos, indo de mesa em mesa. E eu empatei com ele", diz, com indisfarçável orgulho. Um empate com gosto de vitória, sem dúvida – que mostra que, mais do que vencer o adversário, a competição ensina a superar os próprios limites.

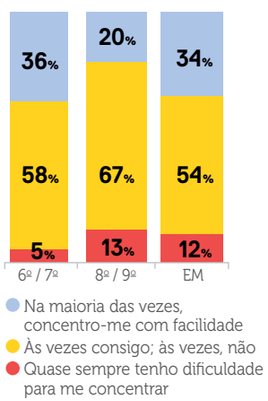
Vida de estudante

Pesquisa revela o que alunos do Fundamental II e Médio pensam sobre seus hábitos e rotinas de estudo.

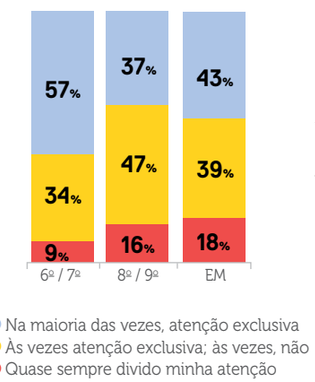
Na hora de fazer as lições de casa, quantos alunos conseguem se concentrar com facilidade e quantos sofrem para manter o foco? Quantos estudam em silêncio e quantos deixam a música ou a TV ligada? Quantos seguem uma rotina semanal e quantos estudam conforme a necessidade? Que técnicas mais utilizam? Para esta edição, fizemos essas e outras perguntas a alunos do Fundamental II e do Médio e convidamos os coordenadores das duas etapas, Laércio Carrer e Áurea Bazzi, para comentar os resultados.

CONCENTRAÇÃO E FOCO

Como é a sua capacidade de concentração?



Ao estudar, você dá atenção exclusiva ao estudo ou divide sua atenção com outros estímulos (música, TV, redes sociais, etc.)?



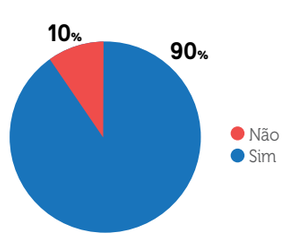
Laércio Carrer: "Há um divisor de águas importante por volta do 8º ano; o mundo começa a ganhar outras cores, fica mais complexo. Isso pode se refletir numa menor capacidade de concentração. Fato é que é difícil para o jovem do século XXI não ter a atenção afetada por outros estímulos".

Áurea Bazzi: "É positivo que, em qualquer fase, a grande maioria se mostre capaz de boa concentração ou, pelo menos, atenção razoável. Suponho que a dinâmica de 6º e 7º anos ainda seja muito determinada pelo controle dos pais sobre os estudos dos filhos".

AMBIENTE DE ESTUDO

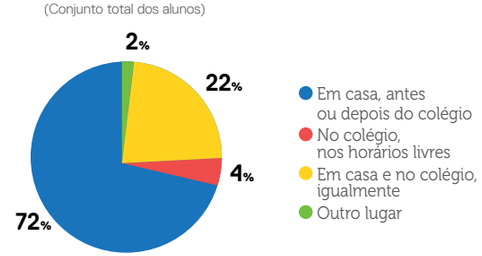
Em casa, você tem um ambiente adequado para os estudos (confortável, iluminado, silencioso)?

(Conjunto total dos alunos)



Onde você realiza a maior parte de seus estudos e lições?

(Conjunto total dos alunos)

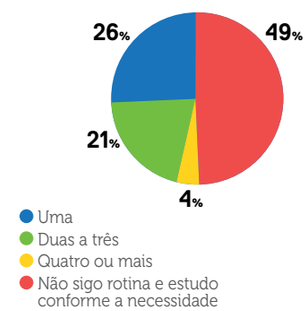


Dados obtidos em 724 questionários, respondidos anonimamente, entre os dias 1º e 12 de abril, representativos de 75% do Fundamental II (EF2: 6º a 9º anos) e 21% do Ensino Médio (EM: 1ª a 3ª séries).

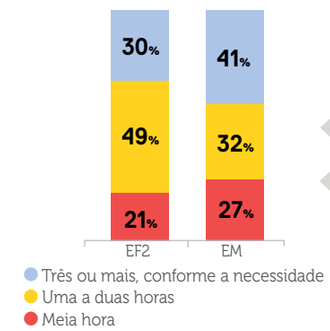
ROTINA DE ESTUDOS

Na sua rotina semanal de estudos, quantas disciplinas você estuda por dia?

(Conjunto total dos alunos)



Quantas horas de estudo, em média, você dedica a cada disciplina por dia?



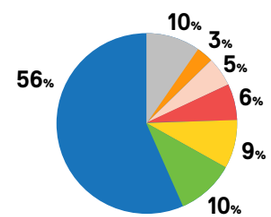
Áurea Bazzi: "Praticamente metade dos alunos ainda não tem uma rotina de estudos. Mesmo que muitos passem a maior parte do dia no Colégio – o que é uma rotina em si –, os números parecem indicar que eles ainda estudam sob demanda. Inclusive, isso os obriga a dedicar muito tempo a uma só disciplina, quando necessário – o que não é estratégia eficaz. É melhor estudar cada disciplina com mais frequência, por períodos menores".

Laércio Carrer: "Talvez parte dos alunos ainda tenha a percepção das notas como resultado. Como a maioria tem bom rendimento, eles podem não ter clareza da importância de uma rotina. Temos de sensibilizar a meninada de que precisam da rotina de estudos não apenas para passar nas provas, mas para mudar o mundo".

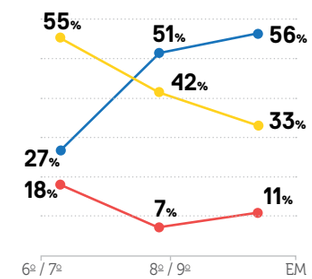
TÉCNICAS E RECURSOS

Qual destas técnicas você mais utiliza para estudar?

(Conjunto total dos alunos)



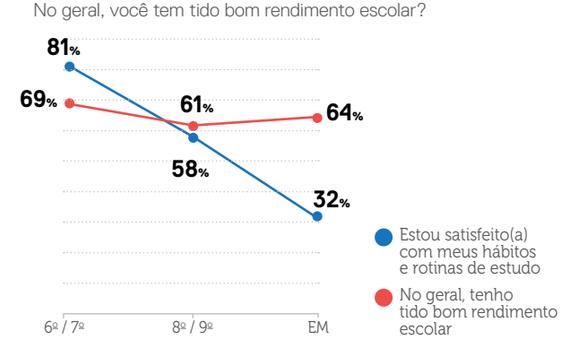
Qual a importância da internet para seus estudos?



Áurea Bazzi: "Eu gostaria que os resultados fossem mais equilibrados entre resumos e resenhas e a resolução de exercícios. Embora a escrita seja importante, o cérebro precisa ser colocado em desafio. Bons exercícios trazem enunciados com situações que possibilitam ao aluno mobilizar vários conhecimentos, desenvolvem prática e agilidade de resposta, estratégias de resolução – um aprendizado essencial, principalmente para os que vão fazer os exames seletivos após o Médio".

SATISFAÇÃO X RENDIMENTO

Você está satisfeito(a) com seus hábitos e rotinas de estudo? No geral, você tem tido bom rendimento escolar?



Laércio Carrer: "É pouco provável que os alunos do Médio se dediquem menos aos estudos do que os do Fundamental II; no entanto, a satisfação com a própria rotina de estudos cai. Vejo aí um aumento da criticidade dos alunos à medida que avançam nas séries".

Áurea Bazzi: "Concordo, é sinal de amadurecimento. Eles têm maior consciência de que podem aprimorar sua rotina, mas ainda conseguem dar conta das demandas do Colégio".

 Os textos são de responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião do Colégio Albert Sabin.

Universidade sem base não é progresso

Historicamente, a educação brasileira atua de forma a atender às necessidades de dois padrões polarizados de ensino. Ao passo que, um deles, entendido como o mais importante, voltado para a formação das elites, reproduz os interesses das classes dominantes de forma a refletir a força vigente na sociedade, o outro, referente ao ensino popular, tem seu desenvolvimento limitado. Assim sendo, o processo de democratização do ensino permanece, repetidamente, inconclusivo. Nesse contexto, pensar o Ensino Superior acessível para todos, baseado em oportunidades equitativas, só será possível por meio da garantia, necessariamente anterior, de igualdade no progresso da Educação Básica no Brasil.

Ao se antepor a disponibilidade de universidades para todos à universalização e à qualificação do ensino básico, apenas se mascara a má qualidade da educação brasileira, fruto de discrepâncias entre indivíduos de classes socioeconômicas diferentes. Cria-se, então, a noção falaciosa de que avanço é sinônimo de progresso, bem como se sabota o enfoque de investimentos nesse setor, o que, combinado à morosidade do Estado no desenvolvimento do sistema educacional, agrava o quadro qualitativo em/de todos os níveis de ensino. Paradoxalmente, a criação de novas universidades pode levar à construção de uma imagem social favorável ao Estado.

Nessa medida, a educação é vista como um investimento exclusivamente econômico, aliado ao cumprimento da agenda do mercado neoliberal. O que antes representava um direito se torna um bem de consumo, reproduzido e perpetuado pelo direcionamento do ensino para o mercado de trabalho. Logo, a educação se afasta progressivamente do ideal de desenvolvimento intelectual autônomo – entendido como a capacidade de compreensão e leitura do mundo, da realidade e de si mesmo – para priorizar uma formação ligada à qualificação do aluno para o mercado.

A formação do indivíduo deve contemplar valores humanistas e emancipadores, a fim de aperfeiçoar suas capacidades intelectuais e contribuir para seu posicionamento crítico acerca da realidade social. Para tanto, a melhoria significativa da educação brasileira requer uma relação harmoniosa frente a mudanças conceituais necessárias e sua defesa como um direito humano fundamental, com o objetivo de torná-la pública, inclusiva e de qualidade para todos. As deficiências na Educação Básica do País comprometem tanto o ingresso do indivíduo no Ensino Superior como seu processo de graduação, em razão das lacunas educacionais ao longo de sua formação básica. O progresso almejado é concretizado apenas com o respaldo de um alicerce bem fundamentado: não basta garantir a universidade se não há bases sólidas para que haja o acompanhamento do curso escolhido.

Giovanna Della Tonia é aluna da 3ª série do Ensino Médio.

Ao se antepor a disponibilidade de universidades para todos à qualificação do ensino básico, mascara-se a má qualidade da educação brasileira.

Entre o mercado e a liberdade individual

No Brasil, regra geral, o jovem que conclui sua formação básica no Ensino Médio volta seus esforços para um único objetivo: ingressar numa universidade. Inquestionavelmente, o papel da imensa maioria das escolas se converteu na capacitação do estudante para que ele obtenha aprovação nos vestibulares, o que configura um direcionamento oculto, que influencia muito em sua opção pelas vias universitárias, em detrimento de outros caminhos possíveis. Essa restrição da liberdade de escolha, mesmo que discreta, vai de encontro ao ideal de liberdade individual, amplamente pregado nas recentes eleições e manifestações populares.

A análise do passado do País permite a compreensão dessa pressão social, familiar e mercadológica sobre o jovem, que o leva a definir a universidade como o único caminho razoável. No governo de Juscelino Kubitschek, a entrada do capital estrangeiro, somada ao incentivo à industrialização, culminou numa alta demanda por mão de obra, responsável pelo emprego de milhões de habitantes. Contudo, essa massa populacional que passou a operar nas fábricas, que se caracterizava por um baixo nível de escolarização e aprofundamento, era, muitas vezes, incapaz de suprir as exigências do mercado. A partir desse ponto, ganhou força no cenário nacional o investimento do setor privado na educação, uma vez que a oferta de vagas em escolas e universidades públicas era insuficiente para a população em sua totalidade.

À medida que o mercado demonstrava preferência pelos estudantes vindos de universidades, desvalorizava a formação e a especialização técnicas, até então eficientes para o ingresso no mundo do trabalho. Daí decorrem a fragilização da liberdade de escolha do aluno e o descrédito de caminhos formativos alternativos, pois a concorrência para as vagas laborais se tornou desigual, avaliada pela posse, ou não, de um diploma universitário.

Entendida essa questão, torna-se claro o paradoxo que assombra a estrutura social brasileira. Se, por um lado, pregam-se preceitos democráticos como a liberdade individual, por outro, inexistem alternativas fora dos limites universitários, restringindo-se o campo de visão do estudante para uma só direção, que não necessariamente condiz com a sua opção genuína. Soma-se a isso um relativo nivelamento precário da educação superior, ou seja, cursos disponíveis por valores demasiadamente baixos em instituições pouco aclamadas, sob a promessa de formação rápida e eficaz, mas que, na realidade, apenas consomem a renda do jovem, além de sujeitá-lo a uma formação medíocre e incapaz de inseri-lo no mercado. Esse Ensino Superior sucateado, por mais perverso que seja, recebe uma considerável demanda, o que apenas colabora para a manutenção da desigualdade socioeconômica no País.

O processo formativo também deveria abranger a transmissão de conceitos e métodos alheios ao sistema produtivo, a exemplo das primeiras universidades, cuja primazia consistia na perpetuação dos artefatos culturais, sem conexões indispensáveis com o universo trabalhista. A diversificação das possibilidades a ser seguidas após o Ensino Médio e a inclusão plena de todos os indivíduos no mercado não são menos relevantes do que outras questões de cunho social, pois remetem à essência da elevação dos padrões pátrios em todos os aspectos.

Filippo Tranchesi de Plato é aluno da 3ª série do Ensino Médio.

Há um direcionamento oculto em favor da via universitária que restringe a liberdade de escolha dos estudantes brasileiros.

O impacto continua

Como a Biblioteca Social Colaborativa continua dando frutos e transformando vidas.

Quase um ano após a entrega da primeira geladeira-biblioteca, em agosto de 2018, o projeto Biblioteca Social Colaborativa – vencedor do Prêmio Impacta Sabin, no ano passado – segue ativo, dando frutos e transformando vidas. Inclusive, a vida de seus quatro idealizadores, hoje alunos do 7º ano do Fundamental.

Como toda boa ideia, a da Biblioteca Social Colaborativa é simples, mas eficaz: rechear com livros geladeiras verticais fora de uso, e, transformadas em bibliotecas, com cerca de 400 títulos cada uma, doá-las a instituições que atendam crianças e jovens carentes. Do ano passado até maio, foram entregues quatro bibliotecas: para as escolas municipais Conde Luiz Eduardo Matarazzo, vizinha ao Sabin, e General Antonio de Sampaio, em Osasco; para a ONG Centro Educacional Popular Saber Viver, que desenvolve projetos na comunidade Ilha de Deus, no Recife (PE); e para o Liceu Coração de Jesus, em Pindamonhangaba (SP).

A chegada de todas elas teve o poder de abalar – no bom sentido – o dia a dia dessas instituições. "Ganhei um problema, um ótimo problema: os alunos estão levando os livros para casa, e muitos não querem devolver simplesmente porque gostaram muito", diz Sara Ianella, diretora da EMEF General Antonio de Sampaio. Para não ver minguar o acervo de sua Biblioteca Social, Sara e seu time de professores vêm fazendo um trabalho junto aos 700 alunos da escola, crianças de 6 a 10 anos, explicando a importância de os livros circularem e incentivando devoluções, trocas e doações.

A geladeira chegou à escola em fevereiro, e seu efeito, segundo Sara, já foi sentido em sala de aula. A qualidade dos textos produzidos pelos alunos melhorou. Mas, para ela, o sinal inequívoco da força dos livros está nas cenas que presencia todos os dias: alunos no intervalo do recreio, à espera das aulas começarem, de livro na mão, aproveitando qualquer brecha para ler. "Afinal, não é fácil o livro vencer a preferência dos jovens pelos dispositivos eletrônicos", diz.

Se aprendem aqueles que recebem os livros, aprendem também aqueles que doam. O grupo de idealizadores da Biblioteca Social Colaborativa acompanhou o dia em que a biblioteca chegou à escola de Osasco. Foi uma interação fundamental para entenderem a realidade de uma instituição de ensino pública. Outra experiência rica foi a semana vivida na Ilha de Deus, comunidade erguida sobre palafitas em região de mangue do Recife, nas férias de início do ano. Os alunos do Sabin participaram das oficinas desenvolvidas pela ONG e se divertiram em brincadeiras com a criançada local, remando em caiaques, pescando camarão e partilhando sua comida – que, aliás, deixou lembrança. "A cocada era uma delícia", recorda Bernardo Napolitano.

"Ele gostou demais da cocada, como de toda a viagem", diz Carolina Napolitano, mãe de Bernardo. "O Bernardo voltou com uma visão mais clara da comunidade e de como ele, mesmo sendo ainda uma criança, pode ajudar o outro e fazer a diferença. A Biblioteca Colaborativa é isso". E a história, como nos bons livros, não termina no fim. O projeto acaba de ser inscrito no Desafio Criativos da Escola, prêmio que destaca iniciativas transformadoras de jovens em todo o Brasil.

O resultado sai em agosto. Aguardemos os próximos capítulos.

Na primeira foto, alunos do Sabin entregam a Biblioteca Social Colaborativa para a escola Gal. Antonio de Sampaio, em Osasco; abaixo, crianças da ONG Saber Viver, no Recife (PE), usufruem dos livros de sua geladeira-biblioteca.